

ESPAÇO, SUJEITO E EXISTÊNCIA: MEDIAÇÕES ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA – O EXEMPLO DA REPRESENTAÇÃO DE GOIÂNIA**SPACE, SUBJECT AND EXISTENCE: MEDIATIONS BETWEEN GEOGRAPHY AND LITERATURE - THE EXAMPLE OF THE REPRESENTATION OF GOIÂNIA****ESPACIO, ASUNTO Y EXISTENCIA: MEDIACIONES ENTRE GEOGRAFÍA Y LITERATURA - EL EJEMPLO DE LA REPRESENTACIÓN DE GOIÂNIA***Eguimar Felício Chaveiro*¹

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil

Resumo: Ao se indispor contra uma modalidade de pensar geográfico preso ao formalismo acadêmico e negar o sentido ornamental da literatura, propor-se-á uma análise de Goiânia, por meio da aglutinação entre Espaço, Sujeito e Existência. Objetiva-se demonstrar, por meio da interpretação de poemas, o modo pelo qual Goiânia, como uma metrópole regional radicada na Região Centro-Oeste, configura-se como uma cidade dada à diferentes representações e à diferentes práticas sociais. O pressuposto central do trabalho baseia-se nisso: como filha objetiva do mundo, a literatura alicerça meios subjetivos de se pensar o espaço de maneira sutil e profunda. Sendo assim, cabe aos geógrafos que se ocupam em mediar leituras entre geografia e literatura, interessarem-se pelo adentramento ao mundo, não escapar-se dele.

Palavras-chave: Espaço; sujeito; existência; narrativa literária; Goiânia.

Abstract: By disagreeing with a modality of geographic think attached to academic formalism and denying the ornamental meaning of literature, an analysis of Goiania will be proposed, through the agglutination between Space, Subject and Existence. The objective is to demonstrate, through the interpretation of poems, the way in which Goiânia, as a regional metropolis in the Center-West Region, is configured as a city given to different representations and social practices. The central assumption of this work is based on this: as objective daughter of the world, literature bases subjective means of thinking the space in a subtle and profoundly way. Therefore, it is up to the geographers who are engaged in mediating readings between geography and literature, interested in entering to the world, not escaping from it.

Key words: Space; subject; existence; literary narrative; Goiânia.

Resumen: Al oponerse a un tipo de pensamiento geográfico vinculado al formalismo académico y negar el sentido ornamental de la literatura, se propondrá un análisis de Goiânia, a través de la aglutinación entre Espacio, Sujeto y Existencia. El objetivo es

¹ Possui graduação em Geografia pela Universidade Católica de Goiás (1987), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (1996) e doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2001). Atualmente é professor associado da Universidade Federal de Goiás. É coordenador do Núcleo de estudos Espaço, Sujeito e Existência "Dona Alzira". E-mail: eguimar@hotmail.com

demostrar, a través de la interpretación de poemas, la forma en que Goiânia, como metrópoli regional con sede en la región del Medio Oeste, se configura como una ciudad dada a diferentes representaciones y diferentes prácticas sociales. La suposición central del trabajo se basa en esto: como hija objetiva del mundo, la literatura apoya formas subjetivas de pensar sobre el espacio de una manera sutil y profunda. Por lo tanto, corresponde a los geógrafos que están ocupados meditando lecturas entre geografía y literatura, estar interesados en ingresar al mundo, no escapar de él.

Palabras claves: Espacio; sujeto; existencia; narrativa literaria; Goiânia

1. INTRODUÇÃO

Durante os últimos cinco anos, no esforço de criar um sentido coletivo aos trabalhos de orientação e pesquisa, criamos um grupo com funções múltiplas: organizar as demandas de orientações em nível de graduação, mestrado e doutoramento; desenvolver estudos de cunho teórico e metodológico; elaborar princípios e pressupostos de pesquisas em torno da conjunção entre espaço, sujeito e existência.

Dentre os rumos, as direções e a interlocução com profissionais do LABOTER – Laboratório de Estudos e Pesquisas em Dinâmicas Territoriais, radicado no IESA – Instituto de Estudos Socioambientais, da UFG – Universidade Federal de Goiás; e também por meio de um diálogo aberto com intelectuais da geografia e de outros campos, de vários lugares do Brasil, um ganhou destaque: a vontade de edificar uma intersecção entre Geografia e Literatura.

Inicialmente, tratou-se de esclarecer um posicionamento consoante ao contexto da produção geográfica brasileira sintetizada no seguinte: não se pretende transformar as aproximações do que se faz em Geografia com a literatura apenas para criar uma maneira ornamental de fazer ciência; não se quer apenas estetizar os trabalhos científicos da geografia e, por acaso, descomprometer-se ideologicamente dos requisitos de um pensamento que nasce das práticas sociais e a elas retornam-se. E desafiadas por elas produzem os seus sentidos.

Posteriormente, era conveniente ao grupo indispor-se contra uma paralisia das ideias ou apenas a um dever de prestar contas ao método mais que à interpretação da realidade socioespacial. Assim sendo, o desejo é operar um raciocínio geográfico com tino crítico, todavia aberto a contribuições valiosas próprias da evolução das descobertas científicas. A vontade saliente é ultrapassar o esquema mecânico e repetitivo do que

temos alcunhado de “formalismo acadêmico burocratizante” ou “crítica geográfica externa à vida”.

Em função dessa premissa, a situação-problema central reside em validar o sentido de totalidade que há na relação entre sujeito ou sujeitos e espaço levando em consideração à trama renhida da existência, o desvelo da subjetividade, a artimanha do cotidiano, a força da singularidade, a dimensão criadora da vida, sua imensa possibilidade de escrever histórias genuínas, certamente intraduzíveis a uma totalidade abstrata, economicista fora do concerto da ação de grupos, classes sociais, gêneros etc.

As reflexões que seguem tratarão de expor, a partir de algumas pesquisas sobre a metrópole goianiense, o exemplo efetivado dos trabalhos feitos sob a mediação entre Geografia e Literatura. Tomar-se-á como pressuposto guiador da interpretação isso: os diferentes grupos sociais ao desenvolverem a sua existência no espaço metropolitano constituem práticas espaciais que geram sentidos, traçam trajetórias, esculpem a cidade num movimento ininterrupto, cheio de imagens, de vieses.

Essas práticas estão alinhavadas na maneira como os sujeitos se situam, de acordo com a sua identidade de classe social – e de outros aportes da existência, como a sua subjetividade – no modo de produção capitalista. Todavia, incluindo viva – e intensamente – diária e capilarmente a zanza da existência num feixe recorrente de relações como se a alma penetrasse o cimento, e a vida fosse por ele atravessada.

A voz literária, imersa no mundo objetivo de onde emerge, mas dada à liberdade de produzir dizeres forjados com a força da imaginação e com a abertura das metáforas, especialmente de cronistas que vivem a cidade duplamente – com o corpo e com as palavras – é fonte rica de interpretação. Em decorrência disso, serão expostas um pouco dessa voz, notadamente a de literatos que se ocuparam de narrar situações, mudanças, perplexidades, alumbramentos, contradições e possibilidades dessa cidade – Goiânia – que, a partir da década de 1980 recebeu a insígnia de metrópole regional.

2. OS SEGREDOS DO MUNDO SOB A NARRATIVA LITERÁRIA

Como produto do mundo objetivo, como realidade humana, como objeto tangível, por exemplo, o corpo do livro ou como possibilidade de injetar sentidos, criar ideologias, instaurar a criação imaginativa, a literatura, como gênero da arte,

especificada na relação entre palavra e imagem, é, sem dúvida, um documento do mundo.

Pode-se, por exemplo, ao investigar a literatura contemporânea, verificar que as suas diferentes modalidades representam a multiplicidade de modos da consciência social da sociedade global. A literatura de Auto-ajuda, a esotérica, as biografias, a poesia visual ou, por exemplo, os gêneros que mostram a vida nas favelas conforme o estilo marginal, dão mostras que há uma representação da subjetividade que logra a sua voz no espaço atual.

Um grupo dos tipos literários demonstra a força do que se tem denominado de nova metafísica; outro grupo revela o crescimento das referências narcísicas do sujeito que forja a sua vida numa sociedade cuja hegemonia é o mercado, como instituição instituinte da subjetividade. E há, também, o grupo que mostra as cisões do sujeito, o perigo dos espaços violentos, a trama da existência, os volteios de diferentes situações próprias de um espaço complexo.

Desse modo, pode-se dizer que a literatura é filha objetiva do mundo que transporta possibilidades diferenciadas de dizê-lo; revela possibilidades como narra segredos do mundo de maneira sutil, estética, imaginativa. Ao refletir sobre esta condição, Teresinha Solange Lima diz que

A literatura é um documento de investigação de certa realidade, a literatura como uma área de grande atualidade, tendo em vista que um escritor, ao situar os indivíduos ou uma coletividade no meio de uma região, consegue traduzir os seus valores, dando uma visão reveladora da vida do espaço e dos lugares circunscrito à mesma (LIMA, 2000, p. 11).

Ao dizer as situações humanas, o literato é herdeiro de uma tradição literária que lhe torna base, desafio, possibilidade. Como ser social, o literato é um sujeito do mundo, de sua cultura, de seus valores. De modo que como engenheiro de imagens, como arquiteto verbal, editor de enunciações, o seu trabalho, feito com o esmero da linguagem e da imaginação, produz conhecimentos, perspectivas, sonhos e ideologias.

Desta feita, a primeira contribuição da literatura à geografia é mostrar que a linguagem é o recurso crucial e essencial com o qual o geógrafo instaura o seu trabalho. E mais: qualquer sujeito no seu enfrentamento diário lida com a linguagem. Clarear

objetivos de vida, defender-se das ideologias, organizar suas convicções, saber relacionar, construir os afetos, produzir a sua identidade política, comunicar, equilibrar as suas emoções demanda um enfrentamento de linguagem.

No dizer de Paz (1956), como seres de palavras o sujeito humano pode carregar estrondos em seu silêncio; pode morar com serpentes em seu sono; pode carregar feridas expostas no inconsciente. Está sempre a dizer, a ouvir, a traduzir, a interpretar. Barthes (2001) contribui com o raciocínio ensinando o seguinte: porque o ser humano é ser de linguagem, a sua condição de sujeito exige uma intervenção acurada com a linguagem. Cabe-lhe ler coisas, utensílios, objetos, situações. Sem interpretar não age, ou age apenas manietadamente.

Poder-se-ia dizer: o geógrafo é um leitor de paisagens, um intérprete do espaço, sem o qual não há como exercer a sua lida. Com isso, esforçamo-nos para introduzir a compreensão: ao aproximarmos geografia e literatura não pode haver evasão do mundo, mas adentramento. Isso porque a literatura não é um requinte de um espírito ausente, mas um modo de efetivar presenças no invisível da realidade, em suas tramas sutis.

Assim, palavras são chumbos, entorpecentes, remendos, salvação, plumas. E como tais interditam, interpretam, fogem, produzem lágrimas, encorajam, conduzem a alma para as utopias, para as lembranças, para o combate à maldade, à escravidão. Um papel político da literatura é, desta forma, nutrir a consciência do geógrafo para descobrir que o seu trabalho não é apenas funcional, profissional, burocrático. É igualmente um dizer o mundo, uma possibilidade de revelá-lo, de criar instâncias de interpretação da vida, de intervir nos espaços.

Os diversos componentes da linguagem literária, como a figuração das formas, os registros de situações, o efeito de entrelaçamento de imagens, a textura, a dispersão, as condensações, o fluxo rítmico da narrativa, o estilo, assim como as anáforas, as aliterações, a intertextualidade, os volteios, as conexões do enredo, dos personagens, obrigatoriamente necessitam dizerem os espaços, falar de sujeitos que tramam a vida num espaço, sofrendo dele as perturbações, as influências, os condicionamentos.

Como contador de histórias, cabe ao escritor criar boas associações de ideias. Daí Scliar (2012, p. 128) dizer que o papel do escritor é, em todos os tempos, o mesmo: “mergulhar na exploração da condição humana”. E daí Tezza (2011, p. 240) com liberdade, por meio de um de seus personagens, atestar que,

[...] a representação da consciência é o maior mistério da linguagem literária, ele disse algo assim, porque a representação, como tal, deve ser reconhecível, e nós pensamos em cacos; a representação mimética, ele escreveu no quadro, ao pé da letra é ilegível, e afinal a própria ideia da pura mimese é uma fraude; e para saber o que o que pensamos é preciso reorganizar o evento, segundo um novo e indispensável olhar subjetivo; nós temos de escolher, necessariamente, sem álibi, esse olhar [...].

De acordo com o que está enunciado, em cada dizer há a presença do mundo; esta presença impõe a representação da consciência que, por sua vez, diz o modo como o sujeito relaciona com o Outro, diz a si próprio, inclui-se nos lugares com valores, intervém. A síntese pode ser: a existência do sujeito coloca a consciência para dirimir eventos, situações, estruturas espaciais.

Ao preconizar que o sujeito humano para construir a sua liberdade, para dirimir ideologias, valores, para escolher rumos de vida, necessita da representação da consciência, está concebendo que a existência possui uma abertura, é logro de possibilidade, demanda a ação da subjetividade. Está também concebendo que a subjetividade entrelaça-se à objetividade do mundo de que não escapa, mas ajuda a construir.

Em se tratando de maneira particular da voz literária – e sua fluência sobre o mundo – pode-se escalar outros componentes da relação entre sujeito e existência, a saber:

- o ser humano é vítima e ator do próprio enigma do mundo; o pensamento e a consciência são empreendimentos que, recorrentemente, procuram decifrar o bem principal: a vida. Mas essa parece ser insondável, pois carrega tempos que o sujeito não conheceu, não vivenciou;
- lançados nos espaços concretos, povoando o tempo e sendo por ele determinado, o sujeito não para de perguntar; a literatura é o canal dessas perguntas – o homem/mulher como problema. E todas respostas, diante, por exemplo, da verdade da morte, parecem ser hipóteses ilusórias;
- o esforço para equilibrar-se diante de uma eterna procura exige do sujeito que, por exemplo, dê ao desejo um lugar de ausência, ao mesmo tempo tendo que valorizar o que se tem para não perder a estima. Tendo que morar em si mesmo sendo atravessado pelo mundo inteiro, saber-se só junto com todos, coloca o

equilíbrio da emoção como dado de uma aprendizagem, profundamente saturada pela ciência funcionalista;

- o desespero humano diante da abertura da existência – e de limites incontroláveis da economia, da força do estado, das máquinas normalizadoras e normatizadoras. Dizer, comunicar, dialogar, procurar gerar sentidos e significados são recursos da subjetividade, que podem ser apreendido pela narrativa literária.

Ao compreender que a voz literária resulta da extrema singularidade do sujeito, mas este existe num mundo objetivado, convém, em se tratando de averiguar as contribuições da mediação entre geografia e literatura, concebê-la como um dado histórico. Assim, pode-se dizer que há desafios históricos, tais como:

- Enfrentar situações institucionais que engessam a subjetividade ou a coloca apenas como um plano da produção acadêmica, perdendo o sentido de descoberta do pensamento e de construção do diálogo;
- povoar, de maneira íntegra – e leal – situações e espaços que representam um mundo guiado por valores metafísicos ou irracionais; ou por valores burocráticos e instrumentais;
- debelar contra o narcisismo de carreira que tende a curvar o trato com a linguagem e as situações pedagógicas em sentidos externos à própria subjetividade;
- necessidade de interpretar situações espaciais, aglutiná-las a partir de uma impulsão de informações e de dilúvios de imagens;
- sair de uma consciência presa à normalização da vida, gerando situações para a ação cognitiva da imaginação e da criação;
- superar o que se tem denominado “a doença do mundo” por meio de processos saudáveis da criação, da descoberta, da emoção;
- reforçar a busca de si mesmo sem desprender do sentido coletivo em que se estrutura a divisão internacional do trabalho, as máquinas de guerra, o domínio das classes sociais, a covardia da violência;

- definir rumos próprios, arrumar sentido para a inquietação, dramatizar a sensibilidade, isto é, encontrar uma vida própria, aberta afetivamente ao Outro;

Além desses desafios, é da essência da literatura, na figura de quem lê poesia, contos, crônicas, romances e em quem os produz intensificar o seu modo de ver e sentir as situações espaciais. O ato de ler e produzir pode alargar as possibilidades da consciência do geógrafo no seu encontro diário com as paisagens geográficas. É bem possível que a sensibilidade literária conduza o literato para ser um investigador dramático das situações da existência e o geógrafo um investigador existencial das paisagens e do espaço geográfico.

3. A REPRESENTAÇÃO DE GOIÂNIA: NARRATIVAS DE ADENTRAMENTO POÉTICOS

Como uma metrópole regional que catalisa as mudanças da região Centro-Oeste da década de 1970 até o presente momento, Goiânia, denominada de metrópole rural, é testemunho de tempos desiguais (Santos, 1978). Uma de suas principais funções é mediar os tempos dos lugares e os tempos do mundo na ordem local-global. Como a metropolização da cidade é recente, os vestígios rurais – ou a sua implicação no espaço e na paisagem da cidade – é fluente. Assim como é na representação literária que a coloca como objeto.

Poetas, cronistas, romancistas, assim como as fontes da literatura oral, trataram de representar a cidade. Às vezes de maneira saudosista, outras vezes assustada, irônica, humoradas, as representações não apenas dizem a cidade; dizem também a vida dos autores na cidade, sua experiência de vida no espaço, o logro de sua existência influenciada pelas mudanças da metrópole.

Um marco dessas vozes é o poema vitorioso de um concurso no aniversário de 50 anos da cidade, feito pelo reconhecido poeta Gabriel Nascente:

*Goiânia, a cidade e
suas costas para o mar*

No começo
a cidade não tinha rosto.
Era áspera, impune, silenciosa
e dormia como um navio
debaixo do chão.

Do alto da Serrinha
um sonho esbravejou:
“Goiânia, aqui será Goiânia!”
Indômita caçula desta América
que arde no topo das carabina,
das enxadas e do boi – e
aqui cresceu como um lampadário
sobre a relva.

Urbe de teto azul,
Goiânia – meu leito!
Seu único pecado é viver
de costas para o mar
Ó tépida cidade,
Quantas vezes minha alma perdurou
No sangue de suas madrugadas!
Quantas vezes eu me tombei em ruínas
para salvar o vulto escarlate de seus crepúsculos!
E quantas vezes, ó Goiânia, eu brinquei de ser pirata
lá pelas bandas do Meia Ponte, onde o pio da jaó
entrava no fundo do coração de minha infância.
O bosque do Botafogo, com suas borboletas
bailando no seio da brisa; foi ali
que vi a morte da primeira árvore
e meu coração doeu como um tambor
em chamas.

A terra era vermelha
A cidade nasceu azul e pulsa
Pulsa com as engrenagens
de um milhão de sonhos.

Cinquenta anos de núpcias com o sol.
Meio século de homens e máquinas
carregando areia, cimento e cal
para umbrais do novo dia.
Chuvvas e poeiras. Primaveras e outonos:
- a cidade nascia da ponta de um lápis.

Era um carro de boi
sol e carga:

fumaça no chapado,
ronco operário
de músculo e réguas
abrindo ruas, valas, alicerces e vilas
da cidade menina
nascendo com seus lábios de poeira.

A cidade não dorme.
Está no meio da América.
Altiva. Nervosa.
Meu leito de teto azul.
Cavalo de vidro
no chão da minha infância.

A leitura de Goiânia feita por mediação do poema apresenta indicações valiosas à estrutura espacial da cidade, como o início de uma cidade sem rosto, ou seja, desenvolvida de cima para baixo, por meio de um acerto político; a sua aspereza que traduzia a realidade agrária de Goiás no contexto histórico dos 1930; as utopias e os desejos dos seus idealizadores, isto é, o interesse em criar uma cidade para capitanear o desenvolvimento do Sertão; a confluência entre o agrário – enxada, carabina – e o modelo urbanístico – um lampadário sobre a relva.

Além desses elementos estruturantes, o imaginário local aparece comandado pelo imaginário externo, como no verso – “seu único pecado é viver de costas para o mar”. O poeta aproveita e se coloca como agente da cidade, inspirando que a realidade urbana é formada pelas práticas sociais dos seus sujeitos. Então ele diz que “quantas vezes a minha alma perdurou no sangue de suas madrugadas”.

Na viagem que faz na cidade recorre-se à sua infância: “E quantas vezes...eu brinquei de ser pirata lá para as bandas do Meia Ponte”. Além da vivência, sobra-lhe espaço para realçar o estopo de uma consciência universal, a do ambientalismo. O poeta diz que “vi a primeira morte de uma árvore e meu coração doeu como um tambor em chama”.

A interconexão do sujeito com a do literato, da voz com a narrativa, implementa o que Moreira de Souza (2010, p. 28) faz referência ao papel da literatura na leitura do espaço urbano dizendo que,

A literatura mostra o mundo vivido por seus personagens, suas dificuldades, alegrias, cores e movimentos. Os símbolos e signos

surtem por meio de uma subjetividade e estão deambulando e gritando pelas ruas da cidade, esperando que alguém atente os ouça e os liberte para que vivam além do seu tempo. De uma maneira livre, fundada no critério estético, a literatura é, ao mesmo tempo, voz e escuta do mundo.

A escuta de Goiânia feita pelos ouvidos literários do poeta unifica espaço e existência e delinea o imaginário que habita a escuta. Ao dizer em versos o sentido da cidade, o que está instalado é o seu ver, mas um ver-sentir, um ver-viver. O mesmo ocorre com um poema que parece sofisticar mais a relação entre poesia, espaço e existência. A poetisa Angelluz Barbosa, no poema “OS GUARDADOS DA CIDADE”, se coloca inteira, corajosa. Passeia na cidade com a memória de sua própria vida. E mostra que esta memória é coletiva.

OS GUARDADOS DA CIDADE

Só vivemos porque dividimos guardados.
Assim ficamos todos poetas, arquitetos, dançarinos, professores...
De nossos guardados.

Guardados do:
Chão que pisamos,
Do ar que respiramos,
Das coberturas que dividamos,
Do que percorremos com o olhar, juntos,
Dos espaços de vida que ocupamos.
Lembranças e relembrações de nós...

Arquitetos e poetas de vida.

Comungando a descoberta de que tudo não é mais que um
GUARDADO.

Não importa a forma como os expressamos!...
Assim és... arquiteto do sentimento da cidade.
O melhor desse sentimento.
Ontem... como urbanista, percorri a cidade!!!
O fazia como poeta!
Fui-me buscar em minha cidade.
Fui percorrer meus guardados caminhos de vida.
Meus meandros de tempos no tempo de minha cidade.
Fui buscar

1 - Telhados que dessem guarida a todos o mendigos

(assentamento do Jardim primavera dos sem teto, que implantamos).

2 – Fui olhar a padaria do pão de cada dia de minha história.

(praça do avião, meu primeiro morar em Goiânia).

3 – Atravessar os bosques querendo encontrá-los encantados para encontrar a flauta que encantam nossas borboletas, mesmo as mais inexistentes (bosque do Zoológico).

4 – Percorrer os becos da lucidez dos bêbados

(beco do Armando, rua 7 antigo posto de estudantes, antigo DCE da Federal).

5 – Maravilhar-se com os pássaros, pois eles são os mais sábios poetas (os pássaros que cantam todos os dias no amanhecer de minha casa).

6 – Despedir-me do inferno, no desejo de encontrar-me na aurora

Dos velhos amores, de um tempo passado, na história da praça Universitária

(o mais bonito nascer e morrer do sol de Goiânia).

7 – Caminhar no jaz do passo que não caminhei

(no cemitério onde minha filha está enterrada junto aos meus pais).

Perplexa! De estar na encruzilhada da paixão e saudosa dos entes queridos...

Sai sem destino...

Nessa cidade que vivo,

Que discuto

Que projeto

Que discurso

Que planejo

Que ocupo terras

Que tive várias moradas

Que tive grandes alegrias

Que chorei grandes amarguras

Que comemorei várias vitórias

Sonhei

Desejei

Amei

Vivi

História de mim...

Guardados de minha memória

Fui percorrendo cada canto, cada lugar, saboreava cada passo do

Chão que pisava

Acariciava cada folha seca nas lembranças de meu passado

Recolhia cada pedrinha que algum dia pudesse ter estado em

Meus sapatos

Olhava cada janela aberta que se abria

Para entrada do sol dos desejos de cada ser

Caminhava lenta e percorria o redor de cada espaço

Vivido... vivendo...

Ouvi algumas imagens:
De vidas com os amigos
De um casamento
Da morte da minha filha
Do nascimento do meu filho
De um meio casamento
De uma vida de trabalho
De uma vida política
Da trajetória de cada passo dado
Cada lugar guardado. Cada dia.

De cada momento que tive e que não tive
E suspirava...

Só que a cidade que pisava hoje no urbano, não é a mesma cidade
Tive saudades
E desejei seu uma bruxa para encantá-la.

Quase como uma narrativa versejante, tecido como uma espécie de autobiografia urbana, a poetisa se coloca no poema de peito aberto. Pelo fato de, como profissão, ser uma arquiteta urbanista, provavelmente lhe rendeu clareza no versejamento e nos sentidos, especialmente mostrando que todos os sujeitos – ela é um exemplo – constroem dentro de uma cidade oficial, uma cidade da existência, de maneira que não há separação entre espaço e vida.

Ao dizer a si mesmo por meio da cidade; e ao dizer a cidade por meio de marcos espaciais, o sentido universal, por exemplo, da organização de movimentos sociais, dos enfrentamentos de estudantes, de lutas por ocupação são arremessados nos versos. Mas é mais: se as paisagens da metrópole contemporânea exemplificam um labirinto, aparentemente caótico, mas com determinações e articulações sociais, inclusive no modo de apresentar os conflitos e as contradições sociais, a própria forma do poema, em ritmo acelerado, apresenta o caos e o ordenamento.

Ocorre de, em determinadas situações, apenas uma palavra construir a unidade de sentido. Depois, de maneira diferente, como se fizesse uma síntese da sua peregrinação, pontua em ordem crescente os eventos recheados de sentidos. As formas do poema se alteram como, se ele mesmo, fosse a metrópole com suas paisagens variadas, com as suas existências díspares, com o seu ritmo alucinado.

Entretanto, o que é mais salutar nos dois poemas, é a intensidade com que revela Goiânia, do mesmo modo a sutileza, a abertura para que o leitor ou o intérprete, conte, também, a sua história na cidade – caso seja de dentro; ou queira compreendê-la além de mosaico de cimento, de funções econômicas, de produto político, de realidade importante da região Centro-Oeste e do mundo capitalista contemporâneo – caso seja de fora.

Em ambos os textos, o veredito parece ser justo: não se trata de apenas os poetas, balizados com a sua sensibilidade, dizerem a cidade; a cidade, ela mesma, toda, adentra o sistema do sujeito que escreve. Talvez a lição seja esta: escreve-se a cidade por meio de versos porque a cidade intercedeu em seu sistema subjetivo, em suas células, em seu corpo em forma de vida. Assim, espaço, sujeito e existência se imbricam – e se implicam – como motes de conhecimento. E geografia e literatura se pressupõem, se medeiam como possibilidades de leitura da realidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerar que Espaço, Sujeito e Existência permitem diálogos possíveis, é abrir-se para inovar o trabalho geográfico sem desconsiderar a sua tradição, a sua história, os seus êxitos. Trata-se, também, de mostrar que pode haver – e há – limites apenas na baliza conceitual para explicar a realidade; como há limites para explicar o mundo apenas pelo texto literário.

Foi mostrado que as mediações entre geografia e literatura deve, a nosso ver, recusar o sentido ornamental que, por acaso, pode representar uma leitura superficial da literatura. Também recusa-se a transformar essa aproximação em mais uma nova modalidade de formalidade burocrática-acadêmica. Pretendeu-se criar modos de adentramento na realidade do espaço, investido do sujeito, valendo-se de sua existência.

Assim, considerou os componentes estruturais – e estruturantes - do espaço, os conflitos de classe, o sentido geopolítico com que o território é apropriado; mas não deixou de validar os diagramas sutis da vida, os dramas, as práticas, as tramas, os enlaces, as trajetórias dos diferentes sujeitos históricos que constroem a sua existência espacialmente configuradas.

Partir do mundo, de sua brutalidade, de sua diferenciação, de seus esgotamentos, contudo instruir as suas possibilidades, os meios de mudança, a crença no pensamento como artífice de mudança. Sendo assim, a realidade existe – também e sempre – por configurações de sentido sob a intervenção recorrente da linguagem.

É alusiva no trabalho a compreensão que não convém superestimar a arte, consagrá-la como um modo superior de leitura, fruição – e de representação. Nem de inferiorizá-la diante de outros sistemas de representações, como a ciência. Mas de clarear pressupostos, rumos e direções de sentido que implementem leituras do espaço envolvendo a prática do sujeito, a sua existência como bem principal.

Por aqui se compreende que o fazer de cada sujeito é um golpe de sua força, igualmente uma interação com o mundo, com o Outro, que lhe sufoca, exige, desafia. A linguagem, no cerne de uma batalha de vida, é um dos principais recursos para que se instaure o nome, a identidade, as convicções. A literatura como arte da palavra, a palavra como cerne da vida humana, ao se aproximar da geografia, estende o olho que interpreta incluindo a sensibilidade, a vivência, a construção de sentidos.

A interpretação de dois poemas, feitos num intervalo de 40 anos, reportando à Goiânia, mostrou a eficiência mediadora de geografia e literatura. Ambos os poemas dizem a cidade com força de adentramento, viajam em seu íntimo, declaram que viver à cidade é ser atravessado por ela. Como se as células, os olhos, os músculos – e também os valores, as convicções, os posicionamentos – de cada um dos poetas, fossem testemunhas de uma verdade incontestável: ninguém escapa do espaço onde vive, ninguém deixa de dizê-lo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda & RATTS Alecsandro J. P. (orgs.). *Geografia: leituras culturais*. Goiânia, GO: Alternativa, 2003, p. 71-88.

BARBOSA, Angelluz. Os guardados da cidade. Poesia. In: CHAVEIRO, Eguimar Felício. *Goiânia, travessias sociais e paisagens cindidas*. Goiânia, GO: UCG (Coleção: Goiânia em prosa e verso), 2007, p. 66-68.

BARTHES, R. *A Aventura semiológica*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fonte, 2001.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 5ª Ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, SP: Brasiliense, 1985.

BORJA, Jordi & CASTELLS, Manuel. El impacto de La globalización sobre la estructura espacial y social de las ciudades. In: BELIL, Mireia y BENNER, Chris. *Local y Global: la gestión de las ciudades en la era de la información*. United Nations for Human Settlements (Habitat). Taurus (Pensamiento), 1997, p. 35-74.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. *Goiânia Reinventada*. Goiânia, GO: PUC-GO/Kelps (Coleção: Goiânia em prosa e verso), 2011.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. *Goiânia, travessias sociais e paisagens cindidas*. Goiânia, GO: UCG (Coleção: Goiânia em prosa e verso), 2007.

CLANDININ, D. Jean & CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa. Experiência e História em Pesquisa Qualitativa*. Uberlândia, MG: Edufu, 2011.

FELÍCIO, Brasigóis. *Viver é devagar*. Goiânia, GO: Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer (Coleção Caliandra de Prosa e Poesia), 1996.

FERRARA, Lucreécia D' Alésio. *Ver a cidade*. São Paulo, SP: Nobel, 1988.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Palavra e Verdade: na filosofia antiga e na psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Zahar, 1995.

GOLDMANN, Lucien. *Dialética e cultura*. Tradução: Luiz Fernando Cardoso e Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1967.

LIMA, Solange Teresinha de. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção da paisagem. *Geosul*, Revista do Departamento de Geociências. Florianópolis, SC. V. 15, n.30. pp.7-33, jul/dez. 2000.

LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre literatura*, 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1968.

MARTINS, Sérgio. A cidade nas sombras da ordem. In: *Revista do departamento de Geografia*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, n° 10, 1996, p. 111-125.

MENDONÇA TELES, José. *Crônicas da Campininha*. Goiânia, GO: Editora Kelps, 1995.

NASCENTE, Gabriel, *Janelas da insônia: poemas*. Goiânia, GO: Editora O Popular, 1988.

ORTEGA, José Gasset. *A desumanização da arte e outros ensaios da estética*. Tradução Miguel Serras Pereira. Coimbra: Almedina, 2003.

PESSANHA, Juliano Garcia. *Instabilidade Perpétua*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

SCLIAR, Moacyr. *A poesia das coisas simples*. Crônicas. Organização e Prefácio: Regina Zilberman. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2012.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e Emoção*. São Paulo, SP: HUCITEC, 1996.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de Método*, Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas, Bento Prado Júnior. São Paulo, SP: Nova Cultura. 3ª Ed., 1987.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. Representação das cidades. *Formação*, Presidente Prudente, nº 8, p. 75-86, 2001.

SOUZA, Andréia Aparecida Moreira de. *Geografia e literatura. A Representação de Goiânia em Fragmentos de Viver é Devagar de Brasigóis Felício*. Goiânia, GO: Kelps, 2010.

TEZZA, Cristovão. *O fotógrafo*. 2ª ed. revista. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2011.

Recebido em 05/08/2018.

Aceito em 28/10/2018.

Publicado em 10/09/2020.